

Natureza, coexistência e vida:

Uma incursão nas perspectivas de Ludwig Feuerbach e Emanuele Coccia

Rafael Eros Oliveira Rocha¹

RESUMO

O filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804 – 1872), ao tratar da vinculação humana com a realidade, apoia-se em um materialismo aliado a uma preocupação com a natureza para fundamentar através da fisiologia a existência humana. Sua defesa é a de que a fome, a sede e a falta de um ar adequado são elementos que impõem barreiras na construção de um homem saudável e, deste mesmo modo, são responsáveis pela falta de nutrientes para o perfeito funcionamento do indivíduo. Contudo, outra perspectiva acerca da relação entre natureza e indivíduo é a de Emanuele Coccia. Para este, a vida ocorre em uma simbiose cósmica onde cada existência é de igual importância para a construção da própria realidade. Através de uma filosofia que tem por ponto central a realidade vegetal, o autor demonstra a estruturação de uma realidade que somente se faz possível através de um mutualismo universal. Aqui buscaremos apresentar as perspectivas de Coccia e Feuerbach de forma conjunta, buscando assim ampliar as possibilidades de relação entre o humano e a totalidade cósmica da natureza.

PALAVRAS-CHAVE

Feuerbach; Vida vegetal; Natureza; Emanuele Coccia.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA-CE). Lattes: [0434494760036547](https://lattes.cnpq.br/0434494760036547). E-mail: rafaeleros14@outlook.com. ORCID: [0009-0003-6335-6303](https://orcid.org/0009-0003-6335-6303).

Nature, coexistence and life:

An incursion into the perspectives of Ludwig Feuerbach and Emanuele Coccia

ABSTRACT

The German philosopher Ludwig Feuerbach (1804 – 1872), when discussing the human connection to reality, relied on materialism combined with a concern for nature to ground human existence through physiology. He argued that hunger, thirst, and lack of adequate air are elements that impose barriers to the construction of a healthy human being and, thus, are responsible for the lack of nutrients necessary for the individual's proper functioning. However, another perspective on the relationship between nature and the individual is that of Emanuele Coccia. For him, life occurs in a cosmic symbiosis where each existence is of equal importance to the construction of reality itself. Through a philosophy centered on the reality of plants, the author demonstrates the structuring of a reality that is only possible through universal mutualism. Here, we will seek to present the perspectives of Coccia and Feuerbach together, thus seeking to expand the possibilities of the relationship between humans and the cosmic totality of nature.

KEYWORDS

Feuerbach; Plant life; Nature; Emanuele Coccia.

Recebido: 30/01/2025

Aceito: 14/08/2025

Publicado: 05/09/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/ecjs9912>

Introdução

A filosofia, em sua gênese, apoia-se em duas bases: a natureza e a contemplação.² As primeiras elaborações filosóficas preocupavam-se em compreender o mundo naquilo que lhe é mais natural. Posteriormente a ação tomará conta da filosofia através de Sócrates, que se serve do diálogo enquanto método filosófico por excelência. O principal problema desta mudança encontra-se no rompimento abrupto do homem com os sentidos, negar os sentidos é negar a natureza e, na mesma medida, negar a natureza é negar a realidade da existência. Na verdade, não somente a filosofia construída a partir daí nega – em maior ou menor grau – os sentidos, como põe em seu lugar a antinaturalidade e a busca pela idealidade; buscou-se a fuga da determinação que acompanha tudo aquilo que é natural.³ Instaure-se então um antropocentrismo no núcleo do pensamento filosófico, uma ditadura do *Eu*.⁴ A contemplação move seus olhos para si mesma, a matéria da filosofia já não é a natureza, mas sim a autorreflexão que reflete unicamente a si mesma.

Ao enclausurar seus olhos em seu interior, a filosofia negligencia toda a realidade que é externa ao indivíduo: por perceber-se enquanto capacitado à autorreflexão, o homem esquece que existe somente na materialidade e que esta autorreflexão depende também da própria natureza. Tudo que é vivo, tudo que existiu, existe e haverá de existir, é influenciado pelo mundo que o cerca; cada animal, planta, fungo, minério é atravessado pela materialidade, sofre deformações em toda sua composição pela realidade a sua volta. É impossível destacar-se da natureza. Dito de outro modo, o percurso do pensamento humano subtraiu a própria materialidade enquanto elemento essencial ao seu funcionamento. O homem se pensa enquanto existência independente, apartado da realidade e, neste caso, a natureza aparece como mera consequência. Por outro lado, é possível vislumbrar uma relação cósmica⁵ da própria realidade:

² Aqui refiro-me ao fato de os primeiros filósofos gregos, conhecidos por pré-socráticos, basearem seu pensamento em uma tentativa de interpretar as origens da existência através de forças da natureza. Neste primeiro momento a filosofia esteve preocupada em observar e compreender a própria realidade através da natureza que os cercava recorrendo essencialmente à contemplação da realidade.

³ Evidentemente existem exceções para esta negação da natureza. Contudo, esta exclusão atravessa a antiguidade, finca suas raízes no medievo e, por fim, afirma-se na modernidade. Jacques Maritain declara: “a metafísica foi desviada a partir do século XVII: todos os grandes sistemas de metafísica clássica que se desenvolveram a partir de Descartes supunham como chave inferior do sistema de nossos conhecimentos uma suposta filosofia da natureza que era a hipótese mecanicista do método físico-matemático” (2003, p. 45).

⁴ “*Cogito ergo sum*” (Descartes, 2001, p. 38), ou eu penso e então existo, proclamaria posteriormente Descartes centrando o indivíduo pensante como núcleo ardente do pensamento filosófico.

⁵ Acerca desta relação cósmica na natureza, Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como Nego Bispo, destaca a desconexão do humano com a natureza já que “dentro do reino vegetal, todos os vegetais cabem, dentro do reino mineral, todos os minerais cabem. Mas dentro do reino animal não cabem os humanos. Os humanos não se sentem como entes do ser animal. Essa desconexão é um efeito da cosmofofia” (2023, p. 9-10). Logo após, o autor tratará de esclarecer o que seria esta *cosmofofia*: “a cosmofofia é o medo, é uma doença que não tem cura,

existir é, tão somente, existir no mundo cercado por toda sorte de seres envoltos em um mutualismo universal. Cada aspecto de nossa existência – assim como das demais – é um desdobramento da totalidade do mundo ao nosso redor. Mesmo a racionalidade é refém da natureza.

Através deste artigo objetiva-se demonstrar a vinculação entre o humano e a própria realidade que lhe cerca através de uma fixação do indivíduo na própria natureza que atravessa de forma integral sua existência. Para isso será preciso debruçarmo-nos em duas perspectivas distintas, mas que se tocam e se complementam no que diz respeito à relação indivíduo-natureza.

1. Feuerbach e a fundamentação fisiológica do saber humano

Em 1839 o filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) publica um escrito intitulado *Para a crítica da filosofia de Hegel*,⁶ onde o autor, famoso por sua crítica à religião, demonstra como o início da filosofia especulativa estava equivocado: enquanto Hegel parte do absoluto que se desdobra em natureza e esta última em espírito, Feuerbach afirma a primazia da natureza. Desta forma, Feuerbach estará interessado em demonstrar o peso da própria realidade natural para a filosofia já que “para a consciência sensível, o ser sensível é o ser permanente, inalterável” (Feuerbach, 2012, p. 47).

apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofofia? A *contracolonização*. Ou seja, o politeísmo, porque a cosmofofia é germinada dentro do monoteísmo. Se deixamos o monoteísmo e adentramos o politeísmo, nos imunizamos. No mundo politeísta não existe pecado original, ninguém foi expulso do Jardim do Éden, ninguém tem memória de terror. Os deuses e as deusas são muitos e não temos medo de falar com eles. No mundo politeísta, ninguém disputa um deus, porque há muitos deuses e muitas deusas – tem para todo mundo. Como no mundo monoteísta só há um deus, é uma disputa permanente” (Santos, 2023, p. 10).

⁶ Feuerbach inicia seu percurso filosófico como discípulo de Hegel, tendo assistido suas aulas em Berlim; e posteriormente encaminha sua tese de habilitação à docência para seu mestre juntamente de uma carta da qual nunca obteve resposta. Posteriormente, Feuerbach torna-se crítico da obra hegeliana afirmando em *Para a crítica da filosofia de Hegel* que o sistema hegeliano se baseia na “subordinação e sucessão” desconsiderando a “coordenação e a coexistência” (Feuerbach, 2012, p. 24) sendo, estes, frutos da espacialidade. Nesse caso, Hegel “inspira-se certamente na natureza, mas falta à cópia a vida do original” (Feuerbach, 2012, p. 24): a natureza que se encontra aí não passaria de uma natureza idealizada e antinatural, desconexa da própria realidade. Em sua obra de 1830, *Pensamentos sobre morte e imortalidade*, a proximidade com Hegel reflete, por exemplo, em sua composição. Tomasoni esclarece: “a articulação em três épocas, mesmo evocando os procedimentos de Hegel, destaca-se dele porque a terceira época não coincide com a síntese, mas com a máxima antítese à qual deverá seguir a superação. Depois da introdução, a obra se desenvolve novamente em três partes que parecem se aproximar mais dos esquemas hegelianos: a primeira, intitulada ‘Deus’; a segunda, ‘tempo, espaço, vida’; a terceira, ‘espírito, consciência’. Elas evocam os momentos hegelianos da ideia em si, da ideia fora de si e da ideia que retorna a si, constituindo o *em si* e o *por si*. Todavia, os pensamentos que ali se movimentam demonstram uma originalidade que ultrapassa aquele esquema” (2022, p. 18-9). Por fim, em sua *Crítica da filosofia de Hegel*, Feuerbach irá demonstrar a necessidade desta retomada da natureza pela filosofia especulativa alemã: “a natureza não construiu apenas a vulgar oficina do estômago, mas também o templo do cérebro; não nos deu apenas uma língua com papilas gustativas adequadas às vilosidades intestinais, deu-nos também ouvidos e olhos que apenas se deixam fascinar pela harmonia dos sons e a essência celestial e desinteressada da luz” (Feuerbach, 2012, p. 63).

Onze anos após sua crítica a Hegel o autor publica uma resenha para o livro do químico Jacob Moleschott intitulado *Doutrina da alimentação para o povo*. Nesta resenha, publicada com o título de *As ciências naturais e a revolução*,⁷ Feuerbach busca demonstrar as influências alimentares ou fisiológicas que poderiam influenciar de forma positiva ou negativa a produção física e intelectual do homem. Feuerbach afirma que a debilidade na alimentação – sobretudo da população mais pobre – está diretamente relacionada a uma fragilidade tanto das capacidades físicas dos indivíduos quanto na produção de matéria racional. Deste modo, as ciências naturais, responsáveis pela interpretação da natureza, são a chave de compreensão para a fundamentação do saber filosófico. Afinal, o saber das ciências naturais “não conhece diferença entre o estômago de um nobre e o de um burguês, apenas conhece a mesma e igual origem para todos os homens” (Feuerbach, 2022, p. 38). O homem, para estas ciências, é somente um, sem distinção com seus semelhantes e nem com o restante da natureza, o homem é compreendido como animal, ou seja, como natureza.

Feuerbach submete então a racionalidade à fisiologia⁸ buscando demonstrar que a razão não passa de uma consequência biológica e o alimento é o elemento que energiza tanto o corpo quanto a mente. A distinção entre corpo e mente não passa de um engano. Cada debilidade do corpo é, na mesma medida, uma debilidade da mente. Afinal, o pensamento, elemento constituinte da mente humana, não opera de forma correta caso o corpo não produza a energia necessária à sua manutenção. Há certamente uma ligação entre o corpo e a própria mente tornando-os numa única coisa. Afinal de contas, o que é o cérebro se não mais um órgão? Sendo este um órgão, qual seria sua utilidade sem o sangue bombeado pelo coração? Sem o ar filtrado pelos pulmões?⁹ Feuerbach declara:

hoje sabemos que a respiração é a principal fonte de calor; que o ar é uma parte essencial do nosso ser; que bombeamos tudo de fora; que não temos nada próprio; que viemos ao mundo como verdadeiros mendigos e comunistas; que não há nada em nós que não exista também fora de nós; que no final somos feitos apenas de oxigênio, nitrogênio, carbono e hidrogênio, alguns elementos simples, mas capazes das mais

⁷ Feuerbach, sobre o livro de Moleschott, afirma que: “com intenção e linguagem popular ou, o que dá no mesmo, amigável, este escrito nos comunica os resultados da química moderna no que diz respeito aos alimentos: seus componentes e propriedades, os efeitos e transformações que produzem em nossos corpos. Portanto, o livro tem verdadeiramente um único propósito e objeto gastronômico. Contudo, em alto grau, para a cabeça e o coração é um livro emocionante; é um escrito de grande importância filosófica, ética, política e até revolucionária” (Feuerbach, 2022, p. 44).

⁸ Em sua *Essência do cristianismo* (1841), Feuerbach propõe-se a demonstrar que o segredo para a religião se encontrava na antropologia. Dez anos depois, em suas *Preleções sobre a essência da religião* (1851), Feuerbach complementa a afirmação anterior: “se antes resumi minha doutrina na sentença: a teologia é antropologia, devo agora acrescentar: e fisiologia” (1989, p. 27).

⁹ No mesmo sentido, anos antes, o autor haveria de declarar em uma carta endereçada a Karl Riedel (1839) a influência do ar limpo dos campos ao bem-estar do “mais importante órgão do homem, o órgão pensante” (Feuerbach, 2021, p. 53) o qual é essencial para a construção de seu fazer filosófico.

diversas combinações, que possuem características espectrais imediatamente fora e acima da sensação e ainda em si mesmos, e então imediatamente, eles são sensíveis (Feuerbach, 2022, p. 45).

Mesmo enquanto elemento natural, a racionalidade distingue a existência humana das demais, o homem persegue a antinaturalidade e busca uma *antiexistência* rompendo seus vínculos com o mundo. Dentre tudo que existe, somente a existência humana ainda pensa em viver *ad aeternum*: este ser olha para o que lhe cerca e não se enxerga como pertencente, vê as plantas cobrindo a superfície terrestre e pensa-se como um ser distinto. Justamente por isso, busca subverter a natureza na antinaturalidade, na infinitude, na negação da morte. Feuerbach, em seus *Pensamentos sobre morte e imortalidade*, afirma que o homem deve voltar a reconhecer que a morte não é apenas aparente, mas “uma morte verdadeira e real, que liquida completamente a vida do indivíduo” (Feuerbach, 1993, p. 73), pois só quando ele retomar esta consciência de sua finitude é que terá “coragem suficiente para começar uma nova vida e sentir a necessidade urgente de converter o verdadeiro e o essencial [...] no motivo e no conteúdo de todas as atividades do seu espírito” (1993, p. 73).

Nesse caso, ao negar sua morte, o homem nega também sua vinculação com a natureza sem perceber que desta forma desloca sua existência e supõe-se como a criatura por excelência ou até mesmo como criador. Assumir sua natureza é se entender como ser natural, é afirmar sua vida e também sua morte, pois somente o homem que aceita sua morte como limite natural e necessário à vida consegue exercer plenamente sua finitude. Do contrário, o homem que não se aceita como natural está se guardando para viver somente quando sua existência chegar ao fim. Para este último, a verdadeira existência só se dará na imortalidade supranatural.

É preciso, portanto, que o homem retome seu lugar na natureza, despoando-se da arrogância que o pensamento racional lhe deu. A natureza deve ser o cerne da existência para o homem. Nesse caso, este deve entender o mundo como única vida possível, deve compreender a proximidade entre sua existência e as demais.

Mesmo que a modernidade tenha posto em foco a realidade material enquanto elemento essencial ao pensamento, a natureza sensível permaneceu excluída. Para além da conceitualização de uma natureza idealizada e desprovida de matéria, a natureza torna-se objeto de estudo da botânica, da biologia, da química e também da geografia, mas não da filosofia. A filosofia apenas vislumbra uma natureza idealizada, desligada do próprio real, para o pensamento filosófico moderno, esta natureza traduz-se unicamente na percepção que o próprio homem tem da realidade ao seu redor. Neste caso, a natureza é algo secundário enquanto, em primeiro plano, existe apenas o homem que interage e modifica o real. Se o pensamento

socrático-platônico fincou o homem no centro do pensamento, a modernidade retoma este projeto enquanto realização do antropocentrismo.¹⁰ Tudo se torna um reflexo da própria visão humana. Somente nesse contexto é possível estabelecer a racionalidade enquanto parâmetro para pautar a realidade.

2. A importância da existência vegetal na filosofia de Emanuele Coccia

O filósofo Emanuele Coccia,¹¹ em sua *Vida das plantas* (2016), propõe-se a religar a existência humana e a existência vegetal enquanto estruturas que habitam igualmente a natureza e que permanecem desunidas no próprio planeta. Coccia alinha a botânica e o saber filosófico para ampliar a perspectiva filosófica acerca da vida e da coexistência dos seres no mundo, estabelecendo uma perspectiva cujo princípio é a *mistura*, a combinação de formas vitais que povoam a superfície de nosso planeta.¹² Para o pensador, são as plantas que “fazem da matéria

¹⁰ Aos olhos do pensamento feuerbachiano é possível ainda afirmar que o medievo não deixou de pôr no centro de suas reflexões o próprio homem, já que em sua crítica à religião o filósofo alemão descreve como o Deus cristão pode traduzir-se no homem que eleva seus atributos para um ser supranatural dotado de perfeição. Em sua *Essência do cristianismo*, Feuerbach busca demonstrar como cada mistério desta religião pode ser traduzida na percepção humana.

¹¹ Emanuele Coccia é um filósofo italiano atuando como professor titular na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) em Paris. Publicou uma série de livros que versam sobre a relação entre o homem e os aspectos sensíveis de sua vida, como sua relação com a natureza e com os ambientes em que está inserido. O pensamento de Coccia encontra-se inserido naquilo que chamam de “novo materialismo”, juntamente de pensadores como Bruno Latour, Catherine Malabou e Donna Haraway, os quais possuem influência da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Apesar de o termo “novo materialismo” ser bastante abrangente, os filósofos inseridos nesta linha de pensamento dedicam-se a temas correlatos tais como a relação homem-natureza e críticas ao modo de existência capitalista no antropoceno. Para Christopher N. Gamble, Joshua S. Hanan e Thomas Nail a ampliação destas novas formas de pensar o materialismo na contemporaneidade sugere um “esforço interdisciplinar cada vez maior para desafiar as suposições de longa data sobre os humanos e o mundo material não humano ou outro que não seja o humano” (2021, p. 188). Ainda segundo estes autores, essa forma de pensamento não aparece como corrente filosófica unificada, pelo contrário, divide-se em três ramificações: 1. Novo materialismo vital, baseado na leitura deleuziana da obra de Spinoza; 2. Novo materialismo negativo, para o qual “a matéria é não relacionalmente externa ao pensamento” (2021, p. 204); 3. Novo materialismo performativo, que se traduz em “uma ontologia estritamente histórica e regional da própria prática ontológica, limitada pelo presente, mas não redutível a ele sem qualquer reivindicação ontológica sobre o possível ser do futuro” (2021, p. 215).

¹² É possível vislumbrar uma aproximação com os desenvolvimentos de Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) no campo da botânica. O poeta alemão declara em seu *A metamorfose das plantas* (1790) que se considerarmos “todas as figuras, em particular as orgânicas, perceberemos que nunca ocorre um algo que permaneça, que esteja quieto, terminado, mas, ao contrário, tudo se perde num movimento constante” (2019, p. 25-6). Ainda nesta senda temos que “nenhum vivente é um singular, mas uma pluralidade” (2019, p. 26), ou seja, mesmo quando “nos aparece como indivíduo, permanece, contudo, uma coleção de seres vivos independentes, os quais, segundo a ideia, segundo a circunstância, são iguais, mas no surgir podem ser iguais ou semelhantes, desiguais ou dessemelhantes. Em parte, tais seres são já originariamente conectados, em parte se encontram e reúnem-se. Eles se cindem e se buscam de novo e, assim, efetuam uma produção infinita de todas as maneiras e por vários aspectos” (Goethe, 2019, p. 26). Segundo Goethe, para a realidade natural a multiplicidade e o movimento das formas é uma constante da qual a própria existência não pode distanciar-se, o que aparenta similitude com a perspectiva de Coccia na medida em que o autor italiano aponta exatamente na direção de uma “metafísica da mistura” que se baseia nesta comunhão universal de existências relacionadas de modo contínuo. Outro autor que exerce influência na obra de Coccia é Félix Guattari, sobretudo através do conceito de *da ecosofia* que pode ser entendido como uma articulação ético-política que se desdobra em uma *lógica da*

e do espaço que nos rodeiam um mundo, que reorganizam e rearranjam a realidade tornando-a um lugar habitável e vivível” (Coccia, 2018b, p. 5), o que faz da existência uma realidade inteiramente vegetal. A vida é “um jardim antes de ser um zoológico, e é somente porque é um jardim que podemos ali viver” (Coccia, 2018b, p. 5).

A escolha de Coccia em adotar as plantas como objeto de estudo é curiosa. O próprio autor assume a negligência com a qual a filosofia tratou o tema ao escantear a vida das plantas a uma sub-existência.¹³ O filósofo italiano retoma a existência vegetal como tema demonstrando que, da mesma forma em que o homem só existe se estiver inserido na natureza, o pensamento também não surge descolado da materialidade. Coccia assume a existência como uma *mistura* constante onde a vida vegetal seria a “vida enquanto exposição integral, em continuidade absoluta e em comunhão global com o ambiente” (2018a, p.13), portanto, a vida que se dá em uma relação mutualista constante.¹⁴

As plantas permanecem existindo enquanto espécie de vida independente: enquanto os animais vivem “na e através da vida que os outros souberam construir ou inventar”, as plantas necessitam unicamente dos nutrientes que a existência lhes dá; sua vida não depende de nada mais do que a própria realidade, o outro é mero acessório e não uma necessidade primária. A existência destas está inteiramente presa à natureza. Sua vida se agarra ao mundo de tal forma

intensidade ou eco-lógica que “leva em conta apenas o movimento, a intensidade dos processos evolutivos” (Guattari, 2012, p. 27). Assim, faz-se urgente uma retomada desta perspectiva ecológica que “deveria deixar de ser vinculada à imagem de uma pequena minoria de amantes da natureza ou de especialistas diplomados” (Guattari, 2012, p. 36), mas devem alcançar a totalidade da própria existência como preocupação global, pois, segundo Guattari, “não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo” (Guattari, 2012, p. 9).

¹³ O botânico Stefano Mancuso, diretor do Laboratório Internacional de Neurobiologia Vegetal (LINV), buscou ao longo dos anos demonstrar a possibilidade de estabelecer uma *inteligência vegetal*. Para este cientista, construir dispositivos tecnológicos baseados nas formas e mecanismos vegetais pode auxiliar a humanidade. Seus estudos encontram-se descritos sobretudo em seu *A revolução das plantas* (2017). Mancuso, portanto, trata de investigar a possibilidade de um intelecto vegetal; enquanto Coccia parece retomar uma realidade sensível enquanto dispositivo para a construção dos saberes através de uma aproximação com a botânica: “no lugar de uma tradição milenar de especulação zoocêntrica que sempre fez do animal seu centro e seu modelo canônico, a filosofia por vir deverá instaurar uma metafísica de inspiração botânica que redescubra na vida vegetal o ponto de indiferença entre microcosmo e macrocosmo, entre indivíduo e mundo, entre natureza e técnica. É só dessa maneira que ela poderá renovar seus problemas e seus enigmas” (Coccia, 2018b p. 12). Ainda em outro escrito, Coccia busca apontar a influência da sensibilidade para a construção daquilo que entendemos como existência humana: “a influência da sensação e do sensível sobre nossa vida é enorme, embora permaneça praticamente inexplorada. Enfeitiçada pelas faculdades superiores, a filosofia raramente mediu o peso da sensibilidade sobre a existência humana. Esforçando-se por provar e fundar a racionalidade do homem, procurando separá-lo a qualquer custo do resto dos animais, ela frequentemente esqueceu que todo homem vive no meio da experiência sensível e que pode sobreviver apenas graças às sensações” (Coccia, 2010, p. 9).

¹⁴ Se, em sua carta a Karl Riedel, Feuerbach havia determinado a necessidade de um ar limpo para o bom funcionamento cerebral, é preciso aceitar que este ar somente surge pelas plantas. Nosso corpo somente pode funcionar se retirarmos nossos nutrientes da natureza. Viver é sempre relacionar-se. Não há existência destacada da totalidade.

que, mesmo não necessitando, permanecem em uma simbiose que devora tudo ao seu redor, incluindo a si mesma e ao próprio espaço. Ao fim de tudo, nossa existência depende diretamente das plantas, somente existimos graças a elas.

A vida vegetal está imersa em um propósito próprio e interno para o qual a existência do outro é mero acaso e não uma necessidade. A realidade sensível – da qual a vida vegetal também faz parte – está para além das limitações da existência humana. Pode-se considerar que esta existência sensível “define as formas, as realidades e os limites da vida animal” (Coccia, 2010, p. 11) e, desta forma, a existência humana não passaria de uma existência como todas as outras, uma parte desta totalidade cósmica e comunitária.

No entendimento de Coccia, todo ser vivo necessita do outro, nada vive isolado. As plantas contrariam esta regra, já que “não precisam da mediação de outros seres vivos para sobreviver” (Coccia, 2018a, p. 15). Estas formas de existência exigem unicamente “o mundo, a realidade em seus componentes mais elementares: pedras, água, ar, luz” (Coccia, 2018a, p. 15). Por meio dessa natureza voraz é que a vida das plantas aprimora constantemente seus mecanismos de propagação, fortalecendo sua relação para com a própria natureza mundana na medida em que desenvolve novas formas de “colonizar” o mundo. O ego humano, entretanto, tenta impor a existência dos animais enquanto grande acontecimento da natureza. Contudo, essa realidade animal é inteiramente dependente da vida vegetal, as plantas ditam as formas de existir desses seres ditos “superiores”.

Para Coccia, a vida não se resume a indivíduos separados, mas que convivem em um mesmo mundo. A defesa do autor é a de uma vida interligada. Nesse caso, não há uma existência superior ou inferior; a existência por si só já basta. E trata-se de existência no sentido mais amplo e horizontalizado possível, dos homens aos demais animais, às plantas, aos fungos, aos minérios; existência enquanto existência, pura e simplesmente aparição no mundo, uma totalidade de elementos que coexistem em uma completude intocada que não depende de nada além daquilo que surge de si mesmo; uma existência autofágica para a qual “não há nenhuma distinção material entre nós e o resto do universo” (Coccia, 2018a, p. 36).

A existência é aqui um atravessamento contínuo entre tudo que existe, há uma *mistura* universal onde cada indivíduo participa e impõe-se na existência. A própria existência dá-se em uma imersão universal, e esta imersão consiste em “uma ação de compenetração recíproca entre sujeito e ambiente, corpo e espaço, vida e meio; uma impossibilidade de os distinguir física e espacialmente” (Coccia, 2018a, p. 41). Para haver esta imersão é necessário ainda a possibilidade de uma *interpenetração ativa*, caso contrário, “falaríamos simplesmente de

justaposição ou de contiguidade entre dois corpos que se tocam em suas extremidades” (Coccia, 2018a, p. 41).

Se a existência consiste na completude e na relação mútua entre a totalidade dos indivíduos, é necessário acrescentar uma camada, a camada vegetal, pois é somente através desta que toda a vida se desenvolve. As plantas inventaram nossa forma de viver, nosso primeiro alimento é extraído delas. São elas que criam o ar que consumimos, nossa respiração é inteiramente o “sopro de outros seres vivos” (Coccia, 2018a, p. 50), um “subproduto da vida dos outros” (Coccia, 2018a, p. 50).

A vida somente se alimenta da própria vida que lhe cerca, e, desta forma, estar no mundo significa estar condenado a “nos nutrir do que a vida vegetal soube fazer do sol e do solo, da água e do ar que compõem nosso mundo” (Coccia, 2018b, p. 16), pois o mundo é “fabricado pelas plantas” (Coccia, 2018b, p. 16); as plantas cultivam a própria existência animal, “elas que conservam este mundo em vida” (Coccia, 2018b, p. 16). Portanto, nossa existência depende em sua totalidade da existência alheia para se alimentar tanto de comida como de água e de ar. O gás oxigênio, nosso primeiro alimento, é também a “primeira forma de canibalismo, alimentamo-nos diariamente da excreção gasosa dos vegetais, só podemos viver da vida dos outros” (Coccia, 2018a, p. 50). Este apontamento de Coccia é um fato biológico já que as plantas são “as responsáveis imediatas ou indiretas pela produção da quase totalidade da biomassa do planeta” (Coccia, 2018b p. 7). Desta forma, elas determinam as condições de possibilidade energéticas “da existência e da nutrição de todo animal superior” (Coccia, 2018b p. 7), o que nos demonstra a relação cósmica contínua entre existências. Há que se entender essa interação cósmica que nos cerca como completude e continuidade onde as plantas exercem um papel central; só por meio do sopro destas é que se faz possível uma “unidade ao mundo” (Coccia, 2018a, p. 55). Afinal, este sopro é “o verdadeiro *logos* do mundo, sua linguagem, sua fala, o órgão de sua revelação” (Coccia, 2018a, p. 55).

Coccia está preocupado com uma realidade universal que comunga igualmente entre si e que somente ocorre e funciona em uma simbiose universal, a natureza é entendida como abrangente e totalizadora, não limitada unicamente a um modelo de vida, mas sim estendida à totalidade do universo que tudo abraça, tudo nutre, tudo gera.

3. Aproximações entre as perspectivas de Feuerbach e Coccia

Apesar das distâncias históricas e geográficas, as obras desses pensadores atravessam uma senda similar: ambos se dedicam ao retorno do homem à natureza, da qual este indivíduo

encontra-se distanciado por fatores internos e externos. A obra de Feuerbach e sua crítica à religiosidade – desenvolvida sobretudo em sua *Essência do cristianismo* – pauta-se em um resgate do próprio humano que se distancia de seus semelhantes e da realidade material através da crença religiosa. Nesse sentido, a figura divina do cristianismo é traduzida pelo filósofo alemão como um reflexo do próprio humano que projeta sua humanidade em uma figura supranatural para suprir suas carências materiais.¹⁵ Exatamente por isso é que, após a publicação da obra de 1841, o autor irá dedicar-se à elaboração de uma *Filosofia do futuro* para retomar o lugar da própria realidade material à existência humana. As considerações apresentadas na obra de Feuerbach atacam a *desnaturalização* do indivíduo, demarcando o lugar do homem – de carne e osso – na própria realidade ao negar toda e qualquer transposição da vida para além de seus limites.

Por outro lado, Coccia amplia a discussão materialista ao abarcar em sua filosofia uma relação entre indivíduo e natureza ainda maior do que as elaborações filosóficas modernas. O filósofo opera um rompimento das barreiras que separam o humano das demais formas de vida, elevando ao limite as relações de mutualismo entre espécies. Desta forma, a ideia de uma natureza já não estaria limitada às particularidades, mas ampliada em um pensamento cósmico que traz toda a pluralidade do universo em uma continuidade dos organismos que nele habitam.

Se Feuerbach, ainda na modernidade, destacava a necessidade em repensar as relações homem-natureza-existência, Coccia extrapola este debate rompendo com os limites que o pensamento filosófico havia imposto. O pensador italiano nos demonstra a necessidade de uma reforma da perspectiva cosmológica tradicional, já que as próprias plantas nos demonstram que “o princípio que engendra o mundo é um elemento intramundano, não um superobjeto que seria anterior e exterior ao mundo” (Coccia, 2018b, p. 10). Desta forma, “só há mundo porque sua causa e sua consequência, sua origem e sua expressão, estão contidas uma na outra” (Coccia, 2018b, p. 10), o que nos demonstra que “não pode haver reflexão sobre um objeto mundano que já não seja reflexão cosmológica” (Coccia, 2018b, p. 10). A aproximação com Feuerbach

¹⁵ É necessário apontar que a obra de Feuerbach, apesar de dedicar um lugar de importância à natureza, estará majoritariamente interessada em tratar desta questão a partir de um viés humanista dentro de sua crítica à religiosidade, onde o foco é majoritariamente a reconexão dos indivíduos em uma realidade material. Nesse sentido, há uma preocupação maior para com o homem na obra de Feuerbach, a qual parece não existir no escrito de Coccia, já que este último busca romper toda e qualquer barreira que separe as formas de existência através de um mutualismo absoluto onde cada parte se encontra contida na outra. Apesar disso, a perspectiva de Feuerbach apresenta uma série de camadas e elaborações a respeito da natureza em sua totalidade que não será possível abordar neste escrito, preferindo centralizar o artigo na relação entre existência humana e natureza que aparece na obra do filósofo. Uma abordagem completa do tema demandaria uma profunda exegese de seus escritos para tratar de temas como o *amor*, o *egoísmo* e até mesmo de uma relação entre a crença religiosa não-cristã para com a natureza e a diferença imposta pelo cristianismo nestas relações.

dá-se também em uma crítica à desconexão dos indivíduos com a realidade natural através de uma busca por uma existência sobrenatural, pois “a origem do mundo não deve ser buscada num lugar longínquo, separado no espaço e no tempo: a origem do mundo está em todo lugar, e existe em cada instante” (Coccia, 2018b p. 10-1). A origem da realidade material é, portanto, “um processo constantemente em curso (a fotossíntese). O mundo começa sempre no meio, e não para nunca de começar” (Coccia, 2018b p. 11).

O que se entende disso é que ambos os pensadores visam solucionar uma cisão da humanidade com a natureza, uma cisão que se encontra no próprio pensamento filosófico que, através de um racionalismo extremo, acaba desconsiderando a materialidade como fonte de saber. O resgate da natureza como elemento primário para a compreensão da própria existência humana é o ponto que liga o pensamento de ambos os autores, já que estes encontram-se preocupados em restabelecer a realidade natural como centro da própria existência, religando a vida do indivíduo com esta totalidade universal.

Considerações finais

Cabe apontar ainda que a preocupação de ambos os pensadores dos quais nos servimos aqui não está em desconsiderar a relevância do homem e de seu agir no mundo, mas sim demonstrar a importância de uma conexão entre o próprio homem e sua natureza. Nesse caso, o homem exerce influência tanto quanto é influenciado pelo restante do mundo e, justamente por isso, a existência humana é tão relevante quanto as demais.

A preocupação de Feuerbach com um retorno humano à natureza impõe à existência uma camada natural que é indissociável da vida humana. Enquanto isso, Coccia abre margem para repensar a própria relação dos indivíduos com o planeta, abraçando a totalidade do universo como relação constante e direta entre cada forma de existência. Existir, para Coccia, é imergir no todo: a vida só é possível se estiver atravessada pela totalidade do próprio real.

Além disso, os conflitos insolúveis entre o homem e a natureza nos informam a necessidade de manter ativo este debate enquanto, ao buscarmos extinguir as divergências entre o homem e a natureza, teríamos não somente um desaparecimento desta relação dicotômica como também uma inserção completa do indivíduo no mundo. Muito além de buscar um retorno a uma existência animalesca ou “primitiva”, o que se anseia alcançar através da retomada dessa conexão é uma reestruturação das formas de existência baseando-as em uma coexistência mutualista universal.

REFERÊNCIAS

- COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura* [2016]. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018a.
- COCCIA, Emanuele. *A vida sensível*. Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.
- COCCIA, Emanuele. *A virada vegetal*. Trad. Felipe Augusto Vicari de Carli. São Paulo: N-1, 2018b.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo* [1841]. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2018.
- FEUERBACH, Ludwig. A Karl Riedel. Para a rectificação do seu esboço [1839]. In: FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade: escritos (1839-1846)*. Ed. Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, p. 33-41.
- FEUERBACH, Ludwig. Las ciencias naturales y la revolución. In: FEUERBACH, Ludwig. *El hombre es lo que come*. Trad. Leandro Sánchez Marín e Pablo Uriel Rodríguez. Medellín: Ennegativo, 2022.
- FEUERBACH, Ludwig. *Para a crítica da filosofia de Hegel*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo: LiberArs, 2012.
- FEUERBACH, Ludwig. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Trad. José Luis García Rúa. Madri: Alianza, 1993.
- FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião* [1851]. Trad. José da Silva Brandão. Campinas: Papirus, 1989.
- GAMBLE, Christopher; HANAN, Joshua; NAIL, Thomas. *O que é o novo materialismo?*. Trad. Igor Viana. (Des)troços: revista de pensamento radical, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 188-219, 2022. <https://doi.org/10.53981/destroos.v2i2.36348>.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *A metamorfose das plantas* [1790]. Trad. Flávio Mascarenhas Nolasco. São Paulo: Edipro, 2019.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 2012.
- MANCUSO, Stefano. *A revolução das plantas: um novo modelo para o futuro* [2017]. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.
- MARITAIN, Jacques. *A filosofia da natureza: ensaio crítico sobre suas fronteiras e seu objeto*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu, 2023.

TOMASONI, Francesco. *Feuerbach*. Trad. Alessandra Siedschlag e Alexandre Rosas. São Paulo: Ideias & Letras, 2022.